

**FACULDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA**

**GESTÃO EMPRESARIAL**

**RODRIGO BUENO**

**RECOMPOSIÇÃO SALARIAL NOS ANOS 2000: A TRAJETÓRIA  
DOS RENDIMENTOS NA INDÚSTRIA TÊXTIL DO MUNICÍPIO DE  
AMERICANA.**

**AMERICANA / SP**

**2011**

**FACULDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA**

**RODRIGO BUENO**

**RECOMPOSIÇÃO SALARIAL NOS ANOS 2000: A TRAJETÓRIA  
DOS RENDIMENTOS NA INDÚSTRIA TÊXTIL DO MUNICÍPIO DE  
AMERICANA.**

**Monografia apresentada à Faculdade  
de Tecnologia de Americana como  
parte das exigências do curso de  
Gestão Empresarial para obtenção do  
título de Tecnólogo em Gestão  
Empresarial.**

**Orientador: Dr. Carlos Henrique Menezes Garcia**

**AMERICANA / SP**

**2011**

**RODRIGO BUENO**

**RECOMPOSIÇÃO SALARIAL NOS ANOS 2000: A TRAJETÓRIA  
DOS RENDIMENTOS NA INDÚSTRIA TÊXTIL DO MUNICÍPIO DE  
AMERICANA.**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Gestão Empresarial no curso de Gestão Empresarial na Faculdade de Tecnologia de Americana.

**Banca Examinadora**

**Orientador:** \_\_\_\_\_  
Dr. Carlos Henrique Menezes Garcia

**Professor da Disciplina:** \_\_\_\_\_  
Dr. Marcos de Carvalho Dias.

**Professor Convidado:** \_\_\_\_\_  
Dr. Carlos Augusto Amaral Moreira

**Para meu pai e minha mãe.**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente aos meus pais, Clodoaldo e Elisabete, que sempre me apoiaram em todos os momentos da minha vida, me ajudando a passar por todas as dificuldades, pois sempre estaremos unidos.

A minha menina linda, Daniele, pela grande força que me deu durante todos os instantes, enquanto estamos juntos, e que ainda me faz brilhar os olhos.

A todos meus familiares que sempre confiaram em minha capacidade, principalmente a Dona Cezira e ao Senhor Jorge.

Ao meu orientador e grande amigo Professor Carlos Henrique Menezes Garcia, pela calma, dedicação, encorajamento e camaradagem, que contribuiu para a elaboração deste trabalho.

Aos professores Marcos Dias e Carlos Augusto Amaral Moreira, pela disponibilidade de seus trabalhos acadêmicos que também contribuíram para elucidar ainda mais meus estudos.

Aos meus grandes amigos da faculdade, Vinícius e Guilherme, que sempre estiveram ao meu lado, me ajudando e às vezes até atrapalhando, mas que sempre serão lembrados por mim como nobres pessoas.

A todos os meus colegas da graduação, pela grande amizade e boa convivência que tivemos nestes anos de faculdade.

“O dinheiro é a essência alienada do trabalho e da existência do homem; a essência domina-o e ele adora-a.”

**Karl Marx**

BUENO, Rodrigo. **Recomposição salarial nos anos 2000: A trajetória dos rendimentos na indústria têxtil do município de Americana.** Americana, 2011. Monografia, Faculdade de Tecnologia de Americana.

## **Resumo**

Esta pesquisa procurou discutir se houve reais ganhos salariais para os trabalhadores da indústria têxtil da cidade de Americana-SP. Apoiando o trabalho principalmente em uma fundamentação teórica de cunho sociológico e econômico. O estudo tentou mostrar se os salários foram majorados acima dos processos inflacionários, através da análise das convenções coletivas firmadas entre o sindicato patronal e o sindicato dos trabalhadores têxteis do município. Examinou-se os principais elementos que condicionaram as mudanças pecuniárias, referente aos salários e aos Programas de Participação nos Resultados, analisou-se a política salarial das empresas e foram discutidas estratégias dos sindicato dos trabalhadores têxteis desenvolvidas em relação à questão salarial. Foram exploradas especialmente as cláusulas que estavam ligadas aos temas de recomposição salarial e piso salarial, colocando em questão a defasagem do índice de salário em algumas convenções, dentro do período estudado. A pesquisa mostrou o quanto o salário do operariado têxtil ficou abaixo dos índices inflacionários, apontando algumas fraquezas nas negociações ocorridas entre os sindicatos, expondo as dificuldades na busca dos direitos básicos da classe trabalhadora perante aos interesses dos empresários.

**Palavras-chave:** Recomposição salarial, convenção coletiva, sindicato, inflação.

## **Abstract**

This research sought to discuss if there were real wage gains for workers in the textile city of Americana-SP. Supporting the work primarily on a theoretical basis of sociological and economic. The study attempted to show if wages were increased above the inflationary processes, through the analysis of collective agreements between union employers and the workers union of textile industries in the municipality. Examined the main elements that determined the changes in cash, related to salaries and profit sharing programs, we analyzed the wage policy of firms and discussed ways of textile workers' union developed in relation to the salary issue. Been explored especially the clauses that were linked to issues of wage and salary floor restoration, calling into question the wage gap index in some conventions, within the period studied. The research showed how the wages of textile worker was below inflation rates pointing out some weaknesses in the negotiations that took place between the unions, explaining the difficulties in pursuing the basic rights of the working class to the interests of business before.

**Key Words:** restoration wage, collective bargaining, union, inflation.



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Exportações por setor em volumes (em toneladas) .....	12
Tabela 2 - Importações por setor em volumes (em toneladas).....	13
Tabela 3 - Pessoal ocupado por segmento .....	25
Tabela 4 - Investimento em máquinas (em milhões de US\$) .....	26
Tabela 5 - Número de cláusulas por Convenção Coletiva e por Sindicato Patronal (2006 - 2010)..	33
Tabela 6 - Piso e teto salarial do setor têxtil - Americana/SP - (2006 - 2010) - SINDITEC.....	36
Tabela 7 - Programa de Participação nos Resultados (2006 - 2010) - SINDITEC.....	42

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Comparação de índices salariais e indicador de custo de vida - (2006 - 2010)..... 39

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SINDITEC	Sindicato da Indústria de Tecelagens de Americana, Nova Odessa, Santa Bárbara D' Oeste e Sumaré
SINDITÊXTIL	Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral; de Tinturaria , Estamparia e Beneficiamento, de Linhas; de Artigos de Cama, Mesa e Banho; de Não-Tecidos e de Fibras Artificiais e Sintéticas do Estado de São Paulo
SIMMESP	Sindicato da Indústria de Malharia e Meias do Estado de São Paulo
SIETEX	Sindicato da Indústria de Especialidades Têxteis - Passamanarias, Rendas, Tapetes – no Estado de São Paulo
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos
PPR	Programa de Participação nos Resultados
PLR	Participação nos Lucros e Resultados
ICV	Índice de Custo de Vida
IEMI	Instituto de Estudos e Marketing Industrial
S/A	Sociedade Anônima
POF	Pesquisa de Orçamento Familiar

# Sumário

Introdução.....	1
Capítulo 1 .....	6
1.1. Caracterização do setor têxtil. ....	6
1.1.1. O setor têxtil no Brasil.....	6
1.1.2. Estrutura produtiva e subsetorial. ....	8
1.1.3. Desenvolvimento recente do setor.....	9
1.1.3.1. Produção .....	9
1.1.3.2. Exportação e Importação.....	10
1.1.3.3. Número de empresas.....	14
1.1.3.4. Modernização da Indústria Têxtil.....	14
1.1.3.5. Terceirização. ....	15
1.1.3.6. Inovação tecnológica e organizacional. ....	15
1.2. O setor têxtil em Americana e região. ....	15
Capítulo 2 .....	18
2.1. Trajetória anterior do mercado de trabalho têxtil.....	18
2.1.2. Trajetória no Brasil antes dos anos 2000. ....	18
2.1.3. Trajetória em Americana antes dos anos 2000. ....	20
2.2. Emprego e desemprego (Anos 2006 – 2010).....	24
2.3. Flexibilização e terceirização do trabalho.....	27
Capítulo 3 .....	31
3.1. Caracterização da pesquisa.....	31
3.2. Análise das convenções coletivas do setor têxtil de Americana de 2006 a 2010. ....	32
3.2.1. Análise geral das cláusulas. ....	32
3.2.2. Análise dos ganhos salariais e do PPR dos trabalhadores têxteis de Americana.....	35
Conclusão .....	44
Referências Bibliográficas .....	48

## **Introdução**

Esta pesquisa foi elaborada com o intuito de discutir as transformações ocorridas nos salários dos trabalhadores do setor têxtil do município de Americana, localizado no interior do Estado de São Paulo, a partir das convenções coletivas ocorridas entre o Sindicato das Indústrias Têxteis da cidade de Americana e Região (Sinditec) e o Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Americana, durante os anos de 2006 a 2010.

O estudo irá observar a trajetória dos ganhos salariais do operariado, tentando analisar se houve ou não reais ganhos monetários, além de verificar os elementos que condicionaram as mudanças dos salários diretos e dos benefícios, como o PPR (Programa de Participação nos Resultados), que é incorporado pelas empresas ao salário, mas servindo como um abono.

As mudanças ocorridas nas convenções coletivas durante o período estudado podem ter sido ocasionadas por diversos fatores ligados às questões sociais, políticas, legais, econômicas, entre outros elementos, que contribuíram para mudar o rumo das negociações durante o período estudado.

A pesquisa foi desenvolvida sobre o assunto dos salários dos trabalhadores têxteis da cidade de Americana e irá desenvolver uma análise, tentando observar as principais influências das convenções coletivas sobre os reais ganhos desses operários, durante o final da década de 2000. Porém, a proposição que tentamos desenvolver nos remete a questão das negociações coletivas, demonstrando se as mesmas condicionaram melhores salários dentro das fábricas têxteis da cidade de Americana.

A análise dos fatores de contribuição das convenções coletivas negociadas entre o sindicato patronal e o sindicato dos trabalhadores têxteis, durante o final da década de 2000, tem a importância de demonstrar que o acondicionamento dos índices salariais pode ter sofrido influência dos acordos coletivos firmados na mesma época. Foram verificadas várias cláusulas dentro das convenções coletivas que fazem referência aos ganhos salariais, entre outros ganhos

pecuniários, observando as estratégias utilizadas pelo sindicato dos trabalhadores têxteis, na busca de melhores condições sociais e econômicas da sua categoria profissional.

É necessário elucidar que a escolha da cidade de Americana para a análise dos salários dos trabalhadores têxteis fundamenta-se na forte presença do sindicato dos trabalhadores desta categoria na cidade devido ao grande número de operários que ocupam as fábricas deste setor no município. Além de demonstrar que os reais ganhos salariais e os benefícios adquiridos pelos trabalhadores, possivelmente, exerce forte influência sobre as mudanças na vida econômica e social da cidade de Americana e região.

O estudo também contempla a caracterização histórica do início dos movimentos sindicais após duros anos de repressão militar, que veio a acabar em meados de 1980. Durante o período militar o movimento trabalhista e sindical mostrou-se enfraquecido pela imposição do Estado. Imposição essa que gerou durante anos baixos rendimentos aos trabalhadores, dificultando a liberdade na busca por melhores salários.

“A reorganização do movimento sindical, após os períodos mais duros da repressão do regime autoritário, iniciou-se em 1977/1978 pelas campanhas salariais e pela recomposição do poder aquisitivo dos trabalhadores” (SANTANA e RAMALHO, 2003, p. 193).

Com o passar do tempo, o número de greves que buscavam melhores condições de trabalho foram aumentando, e o enfraquecimento do poder militar no Brasil fez com que esses duros anos de batalhas salariais chegassem ao fim.

A representação sindical começou a tomar maior espaço dentro e fora das empresas na aquisição de benefícios aos trabalhadores através das negociações coletivas. Essa nova organização do sindicalismo foi paulatinamente trazendo para a massa trabalhadora melhorias em relação ao salário, mas ainda com forte dificuldade devido à alta inflação no país.

Além das negociações coletivas relacionadas ao aumento de salários ao fim dos anos 80 e início dos anos 90, que perduraram na maioria das reivindicações, novos temas começaram a ser introduzidos no início desta época nas negociações, como é o caso da participação nos lucros e resultados (PLR). Isso fez com que a dinâmica na busca por melhores salários acima da inflação naquela fase perdesse força, e as greves em busca de melhorias fossem diminuindo cada vez mais.

Já a partir dos anos 2000, com uma melhora na economia brasileira, devido à estabilização temporária da inflação, os temas abrangidos pelas negociações coletivas dos sindicatos ganharam mais diversidade no que diz respeito a assuntos relacionados à flexibilização. Porém, com a mudança na estrutura do sistema sindical brasileiro, desde o início dos anos 90, houve certa diminuição na organização dos trabalhadores para a realização de greves, reivindicando aumentos salariais e melhores condições de trabalho, onde a estratégia de negociar vem se efetivando, e ainda prevalece, podendo, dessa maneira, chegar a um melhor acordo entre os interesses dos trabalhadores e os interesses empresariais.

A análise dos resultados nas negociações coletivas desse período indica que, do ponto de vista da remuneração, houve grande oscilação em termos dos reajustes conquistados pelas categorias. Essa oscilação, de certa forma, acompanhou as combinações de dois indicadores importantes da economia: o crescimento econômico e a inflação. Assim, em anos de crescimento econômico um pouco mais expressivos e inflação estável ou em queda, a proporção de acordos coletivos que alcançaram ou superaram a inflação foi mais elevada, como em 2000, 2004, 2005 e 2006 (AMORIM, 2009, p. 203).

A inflação e o crescimento econômico, são dois indicadores importantes, no que diz respeito à corrosão do salário do trabalhador, pois baixo crescimento econômico, atrelado a um alto índice inflacionário, pode acarretar uma diminuição no poder de compra do trabalhador. Dessa maneira, dificultando o poder de barganha dos sindicatos dos trabalhadores com empresas e sindicatos patronais. Porém, ainda é possível ressaltar que o estabelecimento do salário mínimo, acima

dos processos inflacionários, pode gerar diminuição da desigualdade social, melhorar a estruturação do mercado de trabalho e diminuir a pobreza.

Além, de tratar de parte do processo histórico que se refere ao desenvolvimento das convenções coletivas no Brasil, a pesquisa possui também o objetivo de discutir a evolução das condições salariais dos trabalhadores do setor têxtil da cidade de Americana, a partir da análise das convenções coletivas de trabalho. Além disso, outros objetivos foram alcançados, como a observação da trajetória dos ganhos salariais dos trabalhadores, o estudo dos elementos que condicionaram as mudanças dos salários diretos e os benefícios, e a discussão das estratégias do sindicato dos trabalhadores, desenvolvida em relação à questão salarial.

O estudo seguiu com uma investigação das alterações ocorridas nos pisos salariais estabelecidos durante o final da década de 2000, através das mudanças nas convenções coletivas no que tange aos impactos pecuniários sobre os trabalhadores. Posteriormente, foi feita uma análise das cláusulas das convenções coletivas de trabalho ocorridas na cidade de Americana durante os anos de 2006 a 2010, entre o Sindicato das Indústrias Têxteis (Sinditec) e o Sindicato dos Trabalhadores Têxteis. As cláusulas observadas remetem a evolução dos índices salariais, e se os mesmos foram majorados acima dos indicadores que calculam a inflação.

Foi feito também o levantamento e revisão da bibliografia que informou sobre os benefícios adquiridos pelos trabalhadores nas negociações, e atentou-se para a discussão conceitual do tema e os estudos sobre as convenções coletivas no Brasil.

Os dados primários utilizados para contemplar a presente pesquisa foram coletados nas cláusulas das convenções coletivas realizadas durante o fim da década de 2000, firmado entre o Sinditec e o Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Americana. Além disso, foram aproveitados dados do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos) e da *homepage* do



Sinditec. Já os dados secundários se referenciaram no levantamento da bibliografia sobre negociações coletivas relativas aos reajustes salariais no Brasil.

Os instrumentos de coleta dos dados que contribuíram para a busca das informações mais preciosas para a elaboração deste trabalho foram a análise documental das convenções coletivas e a coleta dos índices inflacionários do ICV (Índice do Custo de Vida), calculado pelo DIEESE a partir de seu estrato geral acumulado, entre outros instrumentos de caráter geral que auxiliaram na elaboração desta monografia.

# Capítulo 1

## 1.1. Caracterização do setor têxtil.

### 1.1.1. O setor têxtil no Brasil.

A indústria têxtil é uma das manufaturas mais antigas do país, caracterizada por ser um setor que passou por diversos períodos da história nacional e mundial. A atividade foi uma das mais importantes para o crescimento de grande parte dos países adiantados e também para os que eram menos adiantados.

A indústria têxtil remonta à época da Revolução Industrial, foi a indutora do crescimento econômico da maioria dos países desenvolvidos e também de muitos dos emergentes. No Brasil, a sua importância não é menor, tendo desempenhado um papel relevante no processo de desenvolvimento e industrialização do país (IEMI, 2005, p. 24).

Como foi caracterizado, o setor é um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento econômico nos países mais adiantados, por exemplo, da Europa, e também contribuiu para o crescimento das nações emergentes, como o Brasil, que teve sua industrialização iniciada de forma tardia.

Durante boa parte do século XX, países mais desenvolvidos, como Estados Unidos e algumas nações da Europa, iniciaram um processo de realocação de alguns processos produtivos deste setor industrial, chegando até outros continentes. Esse processo se constituía na transferência de algumas atividades da indústria têxtil para nações menos favorecidas, com o intuito de aumentar suas margens de lucro e melhorar operações comerciais.

Nas décadas de 50 e 60 a produção mundial de tecidos e roupas, que até então era centralizada, em que os países executavam internamente todas as etapas da produção de tecidos e roupas, passou por um processo de realocação da produção, em que algumas etapas da produção têxtil foram descentralizadas e realizadas em diversos países (BONACICH e outros *apud* DIAS, 2011, p. 12).

Porém, a visão desta estratégia dos países mais abastados, em conseguir ampliar seus lucros e suas operações de comércio com a realocização de suas produções, era vista de outra maneira por parte do governo e empresários locais, que pretendiam com isso adquirir novas tecnologias, conhecimento industrial e organizacional das empresas, além do mercado como um todo, podendo aprimorar suas técnicas produtivas e se inserir no contexto global.

Já no Brasil, a industrialização se iniciou de forma tardia, e com a indústria têxtil não foi diferente. A esfera produtiva deste setor se caracterizava apenas pela produção doméstica de seus itens, não se preocupando com a abertura para outros países. Esta atitude era exercida devido às políticas protecionistas da época em relação ao mercado mundial e que perdurou até meados da década de 90.

“A indústria têxtil e de vestuário brasileira era caracterizada, até a década de 80, pela pouca competitividade resultante das práticas protecionistas em relação ao mercado externo, estabelecidas pelo governo federal” (DIAS, 2011, p.27).

Devido ao pensamento de abastecer apenas a indústria nacional, aliada às políticas protecionistas da época, o setor têxtil brasileiro foi descrito com atributos negativos durante boa parte de sua história, e que subsistiu até a década de 80.

Porém, este cenário começaria a ter notória mudança a partir das alterações no contexto político brasileiro, com a queda do governo militar, que perdurou no país de início de 1964 até aproximadamente 1986.

Esta modificação política trouxe para a nação, além de mudanças civis, como a mudança de um governo militar para um democrático, também mudanças econômicas, com a abertura comercial ocasionada no período inicial da década de 90.

“Porém, este cenário se altera a partir do início da década de 90, com a abertura comercial e conseqüente mudança na dinâmica do mercado interno e externo de produtos da cadeia têxtil” (DIAS, 2011, p. 27).

Até hoje a questão da abertura comercial, colocada em prática em meados dos anos 90 no Brasil, é discutida por ângulos muito diferentes, que descrevem as consequências ocasionadas pela atitude do governo no período.

Com o fim do protecionismo, a indústria têxtil pôde adquirir novas tecnologias e melhorar as características produtivas do setor. Porém, a introdução massificada de produtos orientais com preços mais competitivos, fez com que algumas empresas adquirissem novas máquinas e novas tecnologias para poder competir com os produtos importados da Ásia, diminuindo consideravelmente o número de mão-de-obra dentro das fábricas.

Porém, como consequências destas modificações pelas quais passou o setor têxtil na década de 90 em função da abertura comercial: redução no número de empresas, aumento dos investimentos em modernização da produção e a concentração da produção por meio de fusões e aquisições entre empresas, o que representou um elevado custo social, se considerando o número de trabalhadores empregados tradicionalmente nesta indústria (DIAS, 2011, p. 38).

O setor têxtil nacional passou nesta época por diversas mudanças, devido à abertura comercial exercida pelo governo. Contudo, ainda houveram tentativas de diminuir o impacto causado pela atitude no final da mesma década com alterações na alíquota de importação, mas que não surtiram efeito, pois tais mudanças já haviam delimitado os novos relacionamentos e o formato de atuação da indústria no mercado nacional.

### **1.1.2. Estrutura produtiva e subsetorial.**

A estrutura produtiva do setor têxtil se caracteriza por se dividir em diversas partes. Ela pode se desdobrar em seu modo tradicional em: fiação, tecelagem, acabamento e confecção. Além de se reunir a outros ramos da indústria como a química, agroindústria, indústria de equipamentos e máquinas.

Porém, é difícil encontrar em um mesmo local físico toda essa estrutura produtiva, devido à separação das partes que caracterizam toda a produção têxtil.

Em razão disso, muitas empresas alocam parte de sua produção em outras regiões, desarticulando as etapas que contemplam a cadeia.

Por outro lado, o principal aspecto da forma de organização destas indústrias, a fragmentação das diversas etapas que compõem a cadeia produtiva têxtil e de vestuário, permite, ao mesmo tempo, a dispersão geográfica da produção e a mobilidade das atividades produtivas (DIAS, 2011, p. 1).

Além disso, Dias (2011, p. 4-5), caracteriza cada parte da cadeia produtiva têxtil e as descreve:

- **Fiação:** corresponde a produção de fios naturais, artificiais ou sintéticos, a partir da matéria-prima bruta.
- **Tecelagem:** compreende a produção de tecidos e malhas, a partir de fios e tecidos fornecidos pela fiação.
- **Acabamento:** corresponde a um conjunto de operações visando beneficiar o tecido cru, tornando-o confortável, durável e maleável, adequado ao uso pelo segmento de confecção.
- **Confecção:** corresponde a última etapa da cadeia têxtil e inclui as fases de criação de moda, design e criação dos moldes para o corte e montagem dos tecidos.

Toda a cadeia produtiva têxtil é bem delineada, o que permite observar a autonomia de cada etapa. Isso ocorre, pois o produto acabado de cada etapa serve de matéria-prima para a próxima, fazendo com que o segmento seguinte esteja intimamente ligado ao segmento anterior.

### **1.1.3. Desenvolvimento recente do setor.**

#### **1.1.3.1. Produção**

A produção têxtil passou por diversas dificuldades após a abertura comercial ocasionada no país no início da década de 90 e, durante alguns anos, depois

ainda enfrentava alguns obstáculos. Porém, a indústria em geral procurou se adequar à nova situação imposta pelo mercado durante os anos 90.

A maneira mais coerente encontrada pelo setor têxtil foi se adaptar ao novo formato organizacional produtivo e também aos padrões dispostos pela nova concorrência, que na atual situação deixará de ser apenas nacional e entrava em âmbito global.

A cadeia produtiva têxtil e de confecções brasileira representou, em 2008, 5,5% do faturamento total da indústria de transformação nacional e 17,3% do total de empregos gerados. A cadeia engloba cerca de 30 mil indústrias e gera 1,6 milhão de empregos diretos (ROCHA e COSTA *apud* DIAS, 2011, p. 43).

Porém, para que a indústria conquistasse essa visível melhora, ela contou, no início, com o apoio do Estado, protegendo a indústria nacional, principalmente aumentando o imposto de importação, fazendo com que as importações de produtos caíssem em demasia.

A disposição das informações nos remetem à perceptível melhora na produção industrial têxtil. Após a abertura econômica imposta pelo governo, o setor conseguiu, mesmo depois de passar por contrariedades, obter um aumento em sua produção e conseqüentemente uma melhora em sua geração de empregos.

#### **1.1.3.2. Exportação e Importação.**

As exportações e importações do setor têxtil foram muito bem caracterizadas no início dos anos 90, com a abertura econômica nacional, onde foi facilitado a compra de produtos estrangeiros, pois possuíam um preço muito mais competitivo do que o produto nacional, fazendo com que houvesse um saldo negativo na balança comercial de artigos têxteis.

Porém, nos fins da década de 1990, algumas atitudes tomadas pelo governo federal contribuíram para a diminuição dessas importações. Algumas medidas

foram executadas, como por exemplo, o aumento do imposto de importação, além das novas tecnologias que começaram a ser introduzidas na cadeia têxtil.

Já nos anos 2000, há um admissível aumento nas exportações de têxteis e uma queda nas importações, gerando saldo positivo na balança comercial, tornando-a superavitária.

“O comportamento das importações e exportações brasileiras obedeceu ao comportamento da taxa de câmbio e da grande expansão do comércio internacional durante a primeira metade da década de 2000” (RANGEL *apud* DIAS, 2011, p. 46).

As exportações cresceram entre 2000 e 2005, em decorrência da expansão da demanda mundial, apesar da valorização cambial iniciada em 2004. Já as importações declinaram de 2001 a 2003 e só voltaram a crescer com a valorização cambial (DIAS, 2011, p. 46).

Para ilustrar as exportações têxteis ocorridas no início da década de 1990 até meados da década de 2000, segue abaixo a Tabela 1 - “Exportações por setor em volumes (em toneladas)”:

**Tabela 1**  
**Exportações por setor em volumes (em toneladas)**

Segmento	1990	1995	2000	2001	2002	2003	2004
<b>Fibras/Filamentos</b>	<b>220.786</b>	<b>122.860</b>	<b>97.701</b>	<b>212.288</b>	<b>203.391</b>	<b>302.937</b>	<b>454.885</b>
<b>Têxteis</b>	<b>172.641</b>	<b>194.053</b>	<b>175.975</b>	<b>171.327</b>	<b>163.180</b>	<b>238.029</b>	<b>236.144</b>
Fios/Linhas	68.726	34.216	34.031	31.924	43.991	71.487	51.949
Tecidos	34.613	51.905	52.269	59.410	51.535	70.896	71.407
Malhas	1.035	1.031	3.230	3.376	3.602	5.712	7.983
Especialidades	68.267	106.901	86.445	76.617	64.052	89.934	104.805
<b>Confeccionados</b>	<b>44.800</b>	<b>47.259</b>	<b>65.082</b>	<b>71.587</b>	<b>71.717</b>	<b>88.349</b>	<b>95.646</b>
Vestuário	17.385	16.095	19.966	22.453	18.672	21.766	20.147
Meias e Acessórios	168	393	627	423	226	342	376
Linha Lar	21.889	25.499	38.089	42.415	47.775	59.606	63.936
<b>Outros</b>	<b>5.358</b>	<b>5.272</b>	<b>6.400</b>	<b>6.296</b>	<b>5.044</b>	<b>6.636</b>	<b>11.187</b>
<b>Total</b>	<b>438.227</b>	<b>364.172</b>	<b>338.758</b>	<b>455.202</b>	<b>438.288</b>	<b>629.315</b>	<b>786.675</b>

Fonte: adaptado de Anuário Brasil Têxtil, 2005.

Com a análise da Tabela 1, podemos perceber que o total das exportações do segmento têxtil obteve uma queda brusca, que provavelmente deve ter ocorrido, devido à concorrência mundial com os produtos asiáticos. Porém, alguns segmentos, como confeccionados, vestuário e linha lar, não sofreram grande queda em suas exportações, pois não disputavam mercados diretamente com os produtos orientais, que possuíam mais competitividade.

Para ilustrar as importações têxteis ocorridas no início da década de 1990 até meados da década de 2000, segue abaixo a Tabela 2 - "Importações por setor em volumes (em toneladas):



**Tabela 2**  
**Importações por setor em volumes (em toneladas)**

Segmento	1990	1995	2000	2001	2002	2003	2004
<b>Fibras/Filamentos</b>	<b>119.011</b>	<b>438.259</b>	<b>551.202</b>	<b>304.912</b>	<b>289.060</b>	<b>357.373</b>	<b>417.886</b>
<b>Têxteis</b>	<b>17.210</b>	<b>163.188</b>	<b>150.882</b>	<b>118.655</b>	<b>116.797</b>	<b>112.201</b>	<b>173.927</b>
Fios/Linhas	6.201	40.551	31.553	13.879	13.036	14.749	44.172
Tecidos	7.747	94.450	55.788	56.403	59.419	56.397	78.150
Malhas	165	10.734	22.274	10.289	4.131	2.065	3.859
Especialidades	3.097	17.453	41.267	38.084	40.211	38.995	47.746
<b>Confeccionados</b>	<b>5.306</b>	<b>59.595</b>	<b>37.818</b>	<b>33.623</b>	<b>25.821</b>	<b>26.992</b>	<b>50.123</b>
Vestuário	1.800	38.847	13.132	14.963	10.772	10.837	23.771
Meias e Acessórios	100	2.467	2.719	2.543	2.399	2.694	4.165
Linha Lar	751	12.112	10.373	8.316	5.088	4.641	5.182
<b>Outros</b>	<b>2.655</b>	<b>6.169</b>	<b>11.594</b>	<b>7.801</b>	<b>7.562</b>	<b>8.820</b>	<b>17.005</b>
<b>Total</b>	<b>141.527</b>	<b>661.042</b>	<b>739.902</b>	<b>457.190</b>	<b>431.678</b>	<b>496.566</b>	<b>641.936</b>

Fonte: adaptado de Anuário Brasil Têxtil, 2005.

Já a Tabela 2, que trata das importações por segmento têxtil, nos mostra a grande alta de produtos internacionais que o Brasil obteve, após a abertura econômica. No primeiro período que vai de 1990 a 1995, foi registrado o maior índice na compra de produtos importados da cadeia têxtil, e esse aumento foi perceptível em todos os segmentos neste primeiro período. Porém, no período subsequente, que vai de 1995 a 2000, as importações começam a declinar, ao mesmo tempo em que o governo volta a aumentar as alíquotas do imposto de importação para produtos têxteis.

### **1.1.3.3. Número de empresas.**

As empresas do setor têxtil sofreram uma queda em suas quantidades no início dos anos 90, mas após alguns anos e com as empresas habituadas ao novo cenário, o número de empreendimentos obteve crescimento no início dos anos 2000.

“Entre 2005 e 2009, o número de empresas em atividade nos segmentos têxteis cresceu 16%, enquanto que nos segmentos da confecção o crescimento foi de 22%” (IEMI, 2010, p. 37).

Analisando o aumento no número de empresas após o começo da década de 2000, podemos confrontar se também houve aumento no número da mão-de-obra ou não, devido ao crescimento tecnológico dentro destas indústrias, podendo ter gerado um impacto nas contratações de material humano.

### **1.1.3.4. Modernização da Indústria Têxtil.**

É possível observar que a indústria do setor têxtil obteve um alto grau de modernização, principalmente após a abertura comercial ocorrida no início da década de 1990 no governo Collor.

Essa modernização na produção têxtil, com empresários adquirindo novas máquinas, ocorreu principalmente pela diminuição das alíquotas de importação e o fim do protecionismo de mercado, possibilitando a compra de máquinas estrangeiras.

“Os investimentos em máquinas e equipamentos atingiram US\$ 811 milhões em 2009, o que representa uma redução de 17,6% em relação aos valores de 2008” (IEMI, 2010, p. 39).

Com o aumento dos investimentos no setor têxtil, principalmente na compra de máquinas, podemos concluir que houve, sobretudo, modernização nesta indústria, onde o maior fluxo ocorreu no ano de 1995.

### **1.1.3.5. Terceirização.**

A terceirização no setor têxtil é muito comum, devido a indústria possuir etapas fracionadas em todo seu processo produtivo, fazendo com que em alguns casos, algumas empresas prefiram terceirizar, ao invés de produzir.

“Além disso, a possibilidade de fragmentação do processo produtivo estimula o aparecimento de empresas especializadas em uma ou algumas etapas do processo de produção” (GARCIA, 1996, p. 3).

Em geral essas empresas que são denominadas terceirizadas, são empresas de pequeno e médio porte, que produzem de maneira, apenas, a abastecer as grandes indústrias.

### **1.1.3.6. Inovação tecnológica e organizacional.**

As inovações tecnológicas e organizacionais trouxeram para o setor têxtil um grande aumento de sua produção e diminuição nas suas despesas com armazenagem e estoques de materiais.

As inovações tecnológicas vieram acompanhadas de inovações organizacionais, que permitiram, além do aumento da eficiência e da redução de custos associada a eliminação de estoque intermediários, uma maior flexibilidade frente às variações na quantidade demandada e às variações na preferência dos consumidores (GARCIA, 1996, p. 46).

Com a obtenção dessas inovações foi possível elaborar estratégias nas organizações, de maneira que, o fluxo de informações e dados disponíveis aumentaram, tornando o ambiente industrial mais competitivo.

## **1.2. O setor têxtil em Americana e região.**

A indústria têxtil de Americana é iniciada com a vinda de imigrantes norte-americanos para a cidade e que de maneira geral introduziram a cultura do

algodão na região. Com o desenvolvimento do plantio deste produto, se iniciou o processo de instauração de duas grandes empresas do ramo de tecidos na cidade, a empresa Fábrica de Tecidos Carioba S/A e a Tecelagem de Seda da Carioba.

A instalação dessas duas empresas trouxe um desenvolvimento grande e rápido para a cidade, já que foi montada toda a infra-estrutura necessária para a atividade dessas empresas e estimulou-se um fluxo migratório significativo de mão-de-obra para a cidade. Em pouco tempo, Americana já ganhava destaque no cenário nacional como importante produtora de artigos têxteis (GARCIA, 1996, p. 65).

Desde então, o setor cresceu muito em âmbito regional e nacional, fazendo com que grande parte da demanda fosse produzida na cidade e vendida em todo o país. Isso fez com que toda a indústria local girasse em torno da produção de artigos têxteis.

Como toda a economia dependia da venda de produtos têxteis, se desenvolveu em Americana aglomerações de indústrias e fábricas de subsetores da produção têxtil, como, por exemplo, as etapas de fiação, confecção e acabamento.

Ressalta-se que 75% dos estabelecimentos localizados na cidade estão ligados diretamente ao processo de produção do setor têxtil, enquanto os 25% restantes exercem atividades em outros setores da indústria, mas que, muitas vezes estão intimamente ligados com a indústria têxtil (GARCIA, 1996, p. 68).

Toda essa grande produção local, fez com que surgissem com o decorrer do tempo, pequenas fábricas familiares, onde, essas pessoas possuíam máquinas dentro de suas próprias casas.

Assim, é possível perceber que boa parte da indústria da cidade se estruturou em bases familiares, onde a transferência de informações e aprendizagem era passada de pai para filho.

“Até em período bastante recente podiam ainda ser observadas empresas familiares no setor têxtil de Americana, onde a formação da mão-de-obra ocorria

de maneira quase que natural, dentro do âmbito da família” (GARCIA, 1996, p. 70).

Porém, todo esse arcabouço da indústria têxtil em Americana, viria mais à frente sofrer com as consequências da abertura econômica ocorrida no governo Collor, por volta do ano de 1994.

A indústria da cidade havia se aperfeiçoado durante o seu desenvolvimento através das décadas na produção de artigos têxteis artificiais e sintéticos.

O segmento de tecidos artificiais e sintéticos, no qual as firmas têxteis de Americana são especializadas, foi o que mais sentiu os efeitos da abertura comercial dentro da cadeia têxtil. As razões disso estão vinculadas à forte especialização dos países asiáticos na produção desse tipo de tecido e ao grande atraso tecnológico verificado nesse segmento na região de Americana, responsável por grande parte da produção brasileira de tecidos planos artificiais e sintéticos (HIRATUKA & GARCIA, 1995 *apud* GARCIA, 1996, p. 75).

A produção deste tipo especial de artefato era também produção especializada da indústria têxtil asiática, que ofertava este material a preços muito menores aos distribuídos pela cidade de Americana. Com a abertura comercial no início da década de 90, as barreiras para introdução de produtos importados foram quebradas, e devido a isso diversos produtos asiáticos adentraram ao país para concorrer com produtos nacionais.

A defasagem tecnológica da produção de Americana, aliada a pressão dos produtos estrangeiros, que possuíam preços muito mais competitivos, fizeram com que diversas empresas na cidade fechassem suas portas e dispensassem todo o seu operariado.

Hoje, com a modernização ocorrida nas fábricas têxteis que restaram após a abertura econômica, a cidade de Americana reestrutura seu setor e procura diversificar sua produção de artigos têxteis, para que não fique atrás na demanda dos produtos e na sua inserção internacional.

## Capítulo 2

### 2.1. Trajetória anterior do mercado de trabalho têxtil.

#### 2.1.2. Trajetória no Brasil antes dos anos 2000.

O setor têxtil é caracterizado no Brasil como uma das mais importantes indústrias que contribuíram para o início da industrialização do país e que, como foi citado no primeiro capítulo, principiou de forma tardia com uma grande e rápida migração da população do campo para os centros urbanos.

Todo esse processo de industrialização nacional passou por muitas adversidades em um curto espaço de tempo, desde o período militar, que enfraqueceu forças populares no início de 1960 e estabeleceu um governo voltado para a elite, até fim dos anos 80, com novas conquistas populares e a introdução de um governo democrático no país.

Apesar desse processo conturbado no Brasil, não havia por parte da indústria e do mercado têxtil nacional preocupação com a concorrência estrangeira e com os produtos globais, devido às altas alíquotas do imposto de importação que vigoravam no país, protegendo o mercado interno.

Porém, no início da década de 90, durante o governo do presidente Collor, ocorreu a abertura comercial brasileira. Com as baixas nas alíquotas do imposto de importação, quebrando as barreiras que existiam no país para a compra de produtos importados, o mercado nacional e principalmente o têxtil foi diretamente afetado pela entrada de produtos orientais no Brasil.

Assim sendo, observa-se que, independentemente do mercado em que a cadeia atuava, até os anos 90, o setor têxtil nacional gozava de uma situação de protecionismo em que se configurava um ambiente pouco seletivo, que permitia a sobrevivência de produtores pouco eficientes (ROSANDISKI, 2002, p. 68).

Estes produtos têxteis internacionais adentravam ao país com uma qualidade melhor e com preços mais competitivos, fazendo com que diversas

empresas que estavam atrasadas tecnologicamente em seus processos produtivos sofressem com essa nova maneira de enfrentar a concorrência.

Durante esse período ampliaram-se os custos sociais, principalmente no que diz respeito à estabilização do emprego neste setor, devido à modernização das fábricas e os altos índices de demissões que ocorreram posteriormente à abertura econômica.

A característica das inovações tecnológicas que mais transtornos traz às sociedades parece ser a ampliação do chamado 'desemprego estrutural', na medida em que se processa intensa substituição e descarte da mão-de-obra, que, por sua vez, vai engrossar os números do mercado de reserva, sem destino certo, e dificilmente melhor (EL SAIFI, 2002, p. 21).

Como caracterizou EL SAIFI (2002), o processo de modernização do setor têxtil, no início da década de 90, trouxe prejuízo para a grande massa trabalhadora que se encontrava dentro das fábricas naquela época. Isso ocorreu devido à diminuição do imposto de importação, que além de aumentar o consumo de produtos e insumos importados, fez com que o empresariado optasse pela compra de novas tecnologias que também eram importadas, mecanizando suas produções e desvinculando boa parte do operariado.

Com todas essas mudanças que o setor passou após as imposições econômicas neoliberais, e também com a alta mecanização da produção, algumas funções que antes eram executadas por pessoas, tornaram-se inexistentes, pois uma única máquina realizava a tarefa de diversos funcionários.

Devido a maneira de lidar com este novo cenário, algumas estratégias organizacionais foram desenvolvidas, principalmente nas grandes empresas, que foram as principais sobreviventes da abertura comercial. Dentre essas novas estratégias, estavam a introdução de programas de qualidade total, cooperação e criatividade, alocação produtiva em outras regiões, contratação sem qualquer vínculo formal e também a flexibilização da produção.

As empresas sobreviventes desencadearam estratégias de reestruturação mais significativas, associadas a processos de fusões e aquisições, abarcando, além da introdução de novos equipamentos, a

racionalização da produção, a aplicação (ainda não muito difundida) de programas de qualidade, a reformulação das formas de subcontratação e um processo de realocação em regiões ofertantes de mão-de-obra barata (INVERNIZZI, 2000, p. 260).

Todas as estratégias utilizadas pelas empresas, no início, estavam ligadas ao estado de precarização da indústria têxtil, pois para sobreviverem tinham que reduzir custos ao máximo e maximizar a produção, e com a presença de produtos internacionais mais competitivos no mercado interno, o preço era algo altamente perceptível pelos clientes.

A abertura comercial gerou distúrbios no setor têxtil nacional e que até hoje sofre com esta ação executada pelo governo. Todavia no interior do Estado de São Paulo, mais especificamente na cidade de Americana as consequências foram ainda mais drásticas, pois o município abastecia boa parte da demanda nacional e empregava diversos trabalhadores em suas inúmeras fábricas de artefatos têxteis.

### **2.1.3. Trajetória em Americana antes dos anos 2000.**

A cidade de Americana, que localiza-se no interior do Estado de São Paulo, também passou por dificuldades e sofreu com o novo modelo econômico neoliberal imposto em meados da década de 90. Pois, a cidade levava o título de pólo têxtil nacional, visto que a produção ocorrida na cidade abastecia boa parte da demanda nacional por artigos têxteis.

A produção desses artigos realizada na cidade, durante início de 1990, era principalmente de tecidos artificiais e sintéticos, e essa produção era executada com máquinas antigas e defasadas, que necessitavam de um excedente de mão-de-obra.

“Contudo é no segmento de tecidos planos artificiais e sintéticos que a região de Americana se destaca, já que essa aglomeração setorial é responsável por cerca de 90% da produção brasileira nesse segmento” (GARCIA, 1996, p.5).



Com isso, os produtos importados têxteis que entraram no país depois da diminuição das alíquotas de importação, eram produtos artificiais e sintéticos, produzidos principalmente no continente asiático, comercializados no país com preços mais competitivos. E foi este cenário de industrialização atrasada em Americana que contribuiu para a quebra de muitas fábricas e demissões em massa durante a abertura comercial.

Uma característica peculiar da produção têxtil americanense, e que contribuiu para seu atraso tecnológico e posteriormente a quebra das indústrias e demissões, foi a prática do “fação”<sup>1</sup>, que se trata de uma subcontratação ou terceirização da produção.

Essa terceirização teve sua prática iniciada por alguns funcionários da empresa Carioba, que faziam a produção de tecidos dentro de suas próprias casas, com auxílio de suas mulheres e filhos, e que dessa maneira contribuiu para o surgimento das primeiras pequenas empresas têxteis da cidade. Este tipo de produção perdurou na cidade até a abertura econômica e colaborou para o atraso tecnológico da indústria têxtil local.

Uma das implicações da utilização da ‘fação’ como subcontratação de capacidade é que inibia os investimentos do parque têxtil de Americana em duas fontes. Primeiramente, as empresas maiores deixavam de investir em expansão da capacidade porque contavam com a presença de inúmeras empresas à ‘fação’ que supriam essa deficiência. Em segundo lugar, como estas são em geral pequenas empresas com baixo nível de capitalização, as máquinas por elas adquiridas já estavam obsoletas e eram conseguidas no mercado de segunda mão (GARCIA, 1992 *apud* GARCIA, 1996, p. 74).

A indústria têxtil da cidade de Americana sustentou sua produção defasada em termos de tecnologia e organização, devido também ao respaldo protecionista

---

<sup>1</sup> Fação consiste na subcontratação de pequenas empresas, que, geralmente por insuficiência de capital de giro, prestam serviços produtivos às maiores ou a outros agentes envolvidos no setor. Essa relação de produção, que até os dias de hoje é uma prática comum na indústria têxtil de Americana, surgiu quase ao mesmo tempo, e de forma espontânea, que o setor têxtil local, fator que contribuiu decisivamente para a formação da “atmosfera industrial” na região (GARCIA, 1996, p. 69).

que o governo brasileiro manteve durante vários anos. Pois, a fabricação de produtos têxteis abastecia quase toda a demanda nacional e não se preocupava com a concorrência global.

Após a abertura econômica, o operariado têxtil de Americana evadiu-se das indústrias, não só inicialmente pela diminuição da produção e pela perda de mercado frente aos produtos asiáticos, mas também pela introdução de inovações tecnológicas dentro das fábricas e que culminou em uma nova perspectiva para o empresariado têxtil em busca de diminuição de custos e um novo perfil de contratação de mão-de-obra.

A introdução de novas máquinas e equipamentos fez com que o processo produtivo se tornasse mais simples e independente da ação direta dos operários (já que as novas máquinas incorporam grande parte das funções [antes] exercidas pelos mesmos), resultando na diminuição do tempo de treinamento em relação ao processo [têxtil] tradicional (DIAS *apud* INVERNIZZI, 2000, p. 268).

Com este novo cenário industrial, algumas mudanças não só no setor produtivo, mas também na organização da produção têxtil, sofreu alteração em relação às novas características da mão-de-obra que seria contratada para lidar com as novas atribuições desta indústria.

O antigo trabalhador, que antes era imbuído de conhecimentos para poder ocupar determinado cargo dentro da fábrica, perdeu seu valor, sendo descartado pelas empresas adiantadas em tecnologia, pois agora as máquinas e equipamentos realizavam todo o trabalho do antigo operário.

Devido a essas mudanças, o novo perfil do operário passa a ser aquele que não necessita pensar muito para executar determinadas funções, já que este novo funcionário apenas controla e observa algumas máquinas, e não precisa mais de certas habilidades para exercer suas tarefas diárias.

A perda das habilidades e conhecimentos tradicionais, causados pela mecanização, será substituída pela ênfase na responsabilidade do trabalhador para realizar suas atividades em ritmo intenso. Tanto na fiação quanto na tecelagem, o trabalhador tornou-se, essencialmente,

capacidade de lidar com um intenso ritmo de atividades (INVERNIZZI, 2000, p. 276).

O novo perfil dos trabalhadores da indústria têxtil, nos mostra que o intenso ritmo de tarefas executadas diariamente torna-lhes uma espécie de mão-de-obra multifuncional, onde o trabalhador, agora, sem muitos conhecimentos técnicos do processo produtivo, é forçado a atuar em um forte ritmo de trabalho.

Toda essa reestruturação no processo de admissão do operariado fez com que os novos trabalhadores contratados necessitassem de um certo nível de estudo para trabalhar, pois suas funções exercidas no dia-a-dia exigiam capacidade de lidar com máquinas importadas, que possuem comandos em outras línguas. Além do que, essa nova massa trabalhadora era treinada dentro do próprio processo fabril, com funcionários mais experientes na operação das máquinas, eliminando custos com o treinamento da nova mão-de-obra.

Enquanto a busca de força de trabalho barata, obtida em boa medida através de situações precárias de emprego, já era conhecida nessa indústria – as altas taxas de rotatividade e os baixos salários têm sido uma constante -, coloca-se agora a importância de uma mão-de-obra dócil, disciplinada, pouco organizada, capaz de suportar ritmos intensos de trabalho e de cooperar com os objetivos da empresa (INVERNIZZI, 2000, p. 283).

Apesar da visão do setor têxtil no início da década de 1990, após a abertura comercial, em reduzir custos e condicionando salários mais baixos para uma mão-de-obra menos qualificada e sem muito estudo, as ações vêm mudando parte de algumas empresas mais exigentes na admissão de sua força de trabalho, não obstante algumas atitudes ainda persistirem.

Porém, mesmo com todo esse processo estorrecedor na cidade de Americana e região no início dos anos 90, com o fechamento de várias indústrias e demissões em massa, devido à liberalização da economia, o setor industrial têxtil se desenvolveu em níveis de tecnologia e organização, e mais à frente na qualidade de sua mão-de-obra.

## 2.2. Emprego e desemprego (Anos 2006 – 2010).

Como tratado nas seções anteriores, a mão-de-obra do setor têxtil brasileiro passou por dificuldades no início dos anos 90, resultado este da abertura comercial imposta pelo governo nacional, no qual produtos e tecnologias estrangeiras puderam entrar no país com mais facilidade devido a baixa no imposto de importação.

No início do contexto da abertura econômica, o operariado foi quem suportou as consequências do regime econômico neoliberal imposto à população nacional. O crescente número de desempregos no começo dos anos 90 subsistiu durante anos e veio a apresentar melhoras somente a partir da década de 2000.

Durante a década de 90 ocorre uma redução no número de trabalhadores empregados na produção, nos principais segmentos, de aproximadamente 45%, sendo que, no segmento de tecelagem, tradicionalmente intensivo na utilização de mão-de-obra, a redução foi de aproximadamente 65% neste período (SANTOS *apud* DIAS, 2011, p. 38).

Apesar do declínio das ocupações dos cargos têxteis devido à introdução tecnológica nos anos 90, atualmente esses números vêm melhorando e a taxa de empregabilidade neste setor emana boas expectativas para a força de trabalho.

Para ilustrar o número de pessoal ocupado por segmento entre os anos de 2004 e 2008, segue abaixo a Tabela 3 - “Pessoal ocupado por segmento”:

**Tabela 3**  
**Pessoal ocupado por segmento**

<b>Segmentos</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>
<b>Têxteis</b>	<b>311.571</b>	<b>326.725</b>	<b>329.994</b>	<b>341.438</b>	<b>340.717</b>
<b>Fiações</b>	77.821	80.132	79.422	78.318	75.889
<b>Tecelagens</b>	97.580	100.507	102.216	101.102	101.870
<b>Malharias</b>	106.742	116.349	118.292	122.138	121.753
<b>Beneficiamento</b>	29.428	29.737	30.064	39.880	41.205
<b>Confeccionados</b>	<b>1.171.558</b>	<b>1.196.311</b>	<b>1.193.918</b>	<b>1.223.862</b>	<b>1.286.867</b>
<b>Vestuário</b>	996.355	1.009.188	1.008.121	1.034.332	1.090.115
<b>Meias e acessórios</b>	40.400	40.628	44.203	45.352	47.892
<b>Linha lar</b>	93.944	105.631	99.504	102.590	104.026
<b>Outros</b>	40.859	40.864	42.090	41.588	44.834
<b>Total</b>	<b>1.483.129</b>	<b>1.523.036</b>	<b>1.523.912</b>	<b>1.565.300</b>	<b>1.627.584</b>

Fonte: adaptado Anuário Brasil Têxtil, 2009.

Os dados da Tabela 3 mostram que mesmo com a queda de pessoal ocupado em alguns segmentos, o total anual demonstrou boas perspectivas de aumento na taxa de empregos durante o começo da década de 2000.

Esse aumento dos níveis de emprego ocorreu mesmo com a ampliação de investimentos em máquinas e equipamentos neste mesmo período de tempo, que vai de 2004 a 2008.

Para ilustrar os investimentos feitos em maquinário na indústria têxtil entre 2004 e 2008, segue abaixo a Tabela 4 - "Investimento em máquinas (em milhões de US\$)":

**Tabela 4****Investimento em máquinas (em milhões de US\$)**

<b>Segmentos</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>
<b>Fiação</b>	166,8	178,6	151,0	146,4	202,4
<b>Tecelagem</b>	96,7	80,5	98,5	111,3	132,1
<b>Malharia</b>	74,9	69,5	79,5	100,7	124,4
<b>Beneficiamento</b>	98,0	92,4	103,3	142,5	191,8
<b>Confeccionados</b>	103,6	116,6	142,2	189,0	262,5
<b>Outros</b>	19,3	12,4	88,4	12,1	71,3
<b>Total</b>	<b>559,3</b>	<b>550,0</b>	<b>662,9</b>	<b>702,0</b>	<b>984,5</b>

Fonte: adaptado de Anuário Brasil Têxtil, 2009

Observando as tabelas, tanto a de pessoal ocupado por segmento, quanto a de investimento em máquinas, é possível observar que neste mesmo período, que vai de 2004 a 2008, houve melhora na contratação da força de trabalho, pois mesmo com o aumento de tecnologias adquiridas pelo empresariado, houve aumento nas contratações de operários.

Porém, é importante ressaltar que, com o aumento da ocupação e a ampliação tecnológica ocorrida no setor têxtil nos últimos anos, tarefas mais simples estão sendo realizadas pela mão-de-obra, mas há exigência de maiores níveis de escolaridade da força de trabalho, pois essas novas máquinas possuem comandos e interpretações em outras línguas, que nos leva a observar a diminuição do nível técnico do operariado para produzir os bens têxteis e o aumento da capacidade de interpretar o processo produtivo como um todo e lidar com intenso ritmo de atividade.

A partir desses elementos, a simples composição dos níveis de escolaridade e os indicadores de rotatividade já confirmam que no processo produtivo da indústria têxtil, mesmo após a introdução de

novos equipamentos, as tarefas continuam muito simplificadas, visto que ainda há um predomínio de trabalhadores pouco qualificados e com pouco tempo de serviço na estrutura ocupacional (ROSANDISKI, 2002, p. 76).

A classe trabalhadora têxtil suportou durante anos o impacto das decisões tomadas pelo governo nacional no início da década de 1990 e que até hoje ainda sentem reflexos daquela determinação. A introdução de máquinas e equipamentos importados no começo da década de 90, fez frente aos operários têxteis e concorreu deslealmente pelos seus postos de trabalho, pelos seus salários e pela dignidade do trabalho que exerciam.

### **2.3. Flexibilização e terceirização do trabalho.**

A flexibilização do trabalho na indústria têxtil é muito comum e foi utilizada durante décadas para as empresas se adaptarem à demanda de bens têxteis e reduzir custos na contratação da mão-de-obra, uma delas mais conhecida é a terceirização.

O setor possui um aspecto facilitador de flexibilização, pois sua cadeia produtiva dividi-se basicamente em: fiação, tecelagem, acabamento e confecção, fazendo com que o produto final de um ciclo produtivo, sirva de matéria-prima para o próximo. Isso, contribui para que grandes empresas do setor terceirizassem parte de sua cadeia produtiva para pequenas empresas.

“Busca-se, então, sobretudo, a flexibilização da produção através, por exemplo, da terceirização, para melhor adaptá-las às novas situações de instabilidade e flutuações de demandas apresentadas pelo mercado” (EL SAIFI, 2002, p. 23).

No início da década de 1990, durante o Governo do Presidente Fernando Collor, com a inibição do protecionismo de mercado e a introdução de uma economia liberal, as ações de flexibilização da produção se difundiram,

principalmente para as grandes empresas se ajustarem as novas demandas do mercado, devido a concorrência internacional.

As indústrias têxteis da época que possuíam atraso tecnológico em suas máquinas, utilizaram a flexibilização como saída à falência. Porém, as empresas que por uma determinante ou outra já haviam se desenvolvido em termos de tecnologia não precisaram flexibilizar suas produções, mas encontraram dificuldades para contratar a nova massa operária, que viria a controlar os novos equipamentos tecnologicamente avançados.

Este cenário, de alto grau tecnológico nas fábricas têxteis, limitou boa parte dos trabalhadores a manterem seus cargos, pois as novas contratações exigiam um maior nível de escolaridade para operarem os novos equipamentos e máquinas da produção têxtil.

Contudo, destaca-se que foram os operários das empresas de menor poder aquisitivo e menor porte que sofreram com a flexibilização da produção, pois as grandes empresas, que possuíam um maior poder econômico, flexibilizavam parte de seu setor produtivo para empresas menores, que utilizavam formas de subcontratação, o não pagamento de encargos sociais, difíceis condições laborais, entre outros tópicos desabonadores, para preencher a demanda das grandes empresas.

Nas pequenas e médias empresas, sobretudo do setor de vestuário, as empresas intensificam o uso de formas de subcontratação, inclusive com imensa utilização do trabalho a domicílio, levando à evasão de impostos e de encargos sociais e à precarização das condições de trabalho (PICCININI, OLIVEIRA e FONTOURA, 2006, p. 362).

Um outro e importante tipo de terceirização é o que ocorreu na cidade de Americana, localizada no interior do Estado de São Paulo, e que, como foi citado nas seções acima, utilizava a “fação” como forma de subcontratação. Esta, porém, contribuiu decisivamente para o atraso tecnológico da produção têxtil ocorrida no município.



As grandes empresas, ao invés de optar por melhorar a mecanização de suas fábricas, escolhiam terceirizar parte de sua produção para fabricação à mão, na qual as famílias basicamente se utilizavam de máquinas (já defasadas à época) e produziam os bens dentro de suas próprias casas, e que no futuro vieram a transformar-se em pequenas empresas e que continuaram exercendo o papel de terceirizadas.

Existe também outro fator que caracteriza a flexibilização do trabalho, que é a alocação de parte da produção em outras localidades, buscando grande quantidade de mão-de-obra e diminuição dos custos com a força de trabalho. Todavia, a minimização dos custos não para por aí, pois além da eliminação de parte do ônus com a mão-de-obra, estas novas plantas adquirem dos governos locais benefícios fiscais e comerciais, trocando isso pelos numerosos empregos gerados.

“Em primeiro lugar, elas se inserem nas estratégias de terceirização que visam reduzir custos, através da transferência das atividades para localidades em que a mão-de-obra é abundante e mais barata” (ROSANDISKI, 2002, p. 73).

A busca por novas localizações de alguns setores produtivos remete-se também, além da diminuição de custos e benefícios fiscais nas instalações, a adaptação das demandas, utilizando estratégias para proteger-se da sazonalidade e a repentinas quedas nas vendas.

Existem diversos tipos de flexibilização, que são utilizados atualmente pelas empresas do ramo têxtil, como estratégia para se adequar as demandas do mercado e também a concorrência, principalmente internacional. Dentre esses planos de flexibilização encontram-se principalmente, o aumento da jornada de trabalho, através do banco de horas, aumento dos turnos de trabalho e horas extras, e também o aumento do quadro de operários, por meio de terceirizações e contratos temporários de trabalho.

Todas as medidas tomadas pelas empresas em relação a flexibilização do trabalho, estavam ligadas ao ambiente enfrentado pela indústria têxtil naquela fase, pois ao invés de fechar as portas, o empresariado optou pela redução de

custos de produção, barateando a mão-de-obra, fazendo o preço final do bem de consumo também ficar menor, aumentando as vendas, tentando trazer mais recursos para a empresa.

Para atender aos contratos dos clientes, as empresas buscam meios para ampliar a jornada de trabalho dos funcionários (horas extras, banco de horas e trabalho por turnos) ou para aumentar a mão-de-obra (contratos temporários e terceirização). Tais medidas permitem um incremento da produção sem elevação dos custos fixos (PICCININI, OLIVEIRA e FONTOURA, 2006, p. 373).

Porém, é importante evidenciar que a ocorrência de terceirização, em sua maioria, pode acarretar informalidade na contratação da mão-de-obra, más condições no local de execução do trabalho, além de péssimos salários pagos aos operários, onde a empresa que foi contratada como terceira para realizar a produção dos bens, sempre visa apenas os ganhos monetários, expondo a mão-de-obra a precárias condições de trabalho.

A flexibilização do trabalho no setor têxtil, sempre trará indícios de precarização, com a adaptação das demandas pelos bens produzidos, com empresas flexibilizando sua escala produtiva e também redução dos custos com o operariado, seja na realocação de plantas produtivas, seja na terceirização do trabalho, gerando, desde trabalhos temporários, até detestáveis condições laborais para o trabalhador.

## Capítulo 3

### 3.1. Caracterização da pesquisa.

O presente capítulo tem como principal objetivo analisar os ganhos salariais e outros ganhos pecuniários dos trabalhadores do setor têxtil, com abrangência na cidade de Americana, por meio da análise das convenções coletivas firmadas entre sindicatos patronais e sindicatos dos trabalhadores.

Neste trabalho foram analisadas 7 convenções coletivas de trabalho, entre os anos de 2006 e 2010, em que 4 dessas convenções referem-se ao acordo firmado entre o Sindicato da Indústria de Tecelagens de Americana, Nova Odessa, Santa Bárbara D' Oeste e Sumaré, e o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral, de Malharias e Meias, Especialidades Têxteis, Cordoalha e Estopa, de Tinturaria, Estamparia e Beneficiamentos de Linhas, de Tecidos, de Não Tecidos e de Fibras Artificiais e Sintéticas de Americana. Essas convenções contemplam os anos de 2006/2007, 2007/2009, o aditamento nº 2 à convenção coletiva de trabalho 2007/2009, e 2010, extraídas da *homepage* do SINDITEC.

Já as outras 3 convenções analisadas abrangem a negociação entre SINDITÊXTIL (Sindicato da indústria de fiação e tecelagem em geral; de tinturaria, estamparia e beneficiamento, de linhas; de artigos de cama, mesa e banho; de não-tecidos e de fibras artificiais e sintéticas do Estado de São Paulo), SIMMESP (Sindicato da indústria de malharia e meias do Estado de São Paulo), SIETEX (Sindicato da indústria de especialidades têxteis – passamanarias, rendas, tapetes – no Estado de São Paulo) e o Sindicato da Indústria da Cordoalha e Estopa de São Paulo, de um lado, e de outro lado, o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem em Geral, de Malharias e Meias, Especialidades Têxteis, Cordoalha e Estopa, de Tinturaria, Estamparia e Beneficiamentos de Linhas, de Tecidos, de Não Tecidos e de Fibras Artificiais e Sintéticas de Americana. Essas convenções, agrupam os anos de 2006/2007, 2008/2009 e 2009/2010.

Foram analisadas 409 cláusulas no total das 7 convenções coletivas de trabalho estudadas. Porém, é válido ressaltar que a pesquisa irá enfatizar a questão dos ganhos salariais dos trabalhadores têxteis a fim de tentar obter conclusões sobre os reais proveitos pecuniários, através dos anos estudados.

## **3.2. Análise das convenções coletivas do setor têxtil de Americana de 2006 a 2010.**

### **3.2.1. Análise geral das cláusulas.**

As negociações coletivas analisadas, quando convencionadas ao mesmo sindicato patronal, seguem praticamente os mesmos modelos. No período estudado, as quantidades e os títulos das cláusulas são praticamente os mesmos, não havendo diferenciação entre uma convenção ou outra.

Porém, algumas cláusulas, principalmente as que se referem à recompensa salarial, piso salarial e ao PPR (Programa de Participação nos Resultados) obtiveram mudanças significativas, e que serviram de base empírica para a exploração deste trabalho.

Durante o estudo percebeu-se uma grande diferença na quantidade das cláusulas analisadas entre sindicatos patronais. As convenções pactuadas entre o Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Americana e o Sindicato da Indústria Têxtil de Americana e Região (SINDITEC) possuem aproximadamente 23% de cláusulas a mais que as convenções que ocorreram entre Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis de Americana e o Sindicato das Indústrias Têxteis do Estado de São Paulo (SINDITÊXTIL).

Para ilustrar a diferença entre o número de cláusulas nas convenções realizadas no período de 2006 a 2010, entre as duas entidades patronais, segue abaixo a Tabela 5 – “Número de cláusulas por Convenção Coletiva e por

Sindicato Patronal (2006 – 2010)”, que mostra a distribuição destas cláusulas durante o período estudado:

**Tabela 5**  
**Número de cláusulas por Convenção Coletiva e por Sindicato Patronal**  
**(2006 - 2010)**

<b>Ano</b>	<b>2006 / 2007</b>	<b>2007 / 2009 <sup>2</sup></b>	<b>2010</b>
<b>SINDITEC</b>	75	74	74
<b>Ano</b>	<b>2006 / 2007</b>	<b>2008 / 2009</b>	<b>2009 / 2010</b>
<b>SINDITÊXTIL</b>	57	58	58

Fonte: elaboração própria, a partir das convenções coletivas do setor têxtil de Americana-SP

A disparidade visualizada na Tabela 5, entre as cláusulas do Sindicato Patronal de Americana (SINDITEC) e o Patronal do Estado de São Paulo (SINDITÊXTIL), acordadas com o mesmo Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, que é da cidade de Americana, e que, no primeiro ano estudado, refere-se a 2006/2007, suas datas bases, que se iniciam no dia 1º de Novembro, e vigências, que tem como duração a data de 01 de Novembro de 2006 até 31 de Outubro de 2007, são as mesmas, e mesmo assim o número de cláusulas que remetem aos mesmos trabalhadores têxteis são diferentes.

A tabela 5 também nos mostra a pequena variação do número de cláusulas dos anos em sequência analisados, mostrando variação apenas quanto ao sindicato patronal que contemplou a convenção acordada com o sindicato dos trabalhadores têxteis.

---

<sup>2</sup> Na convenção coletiva de trabalho 2007/2009 do Sindicato Patronal SINDITEC, foi incorporado o Aditamento nº2, contendo 13 cláusulas, com a vigência e duração de 01/11/2008 a 31/10/2009.

Nas cláusulas ilustradas sobre o patronato SINDITEC, houve apenas a retirada de uma cláusula nos anos de 2007/2009 e no ano de 2010, que se referem à mão-de-obra temporária, onde o texto da cláusula diz:

“As empresas não poderão utilizar mão-de-obra temporária por um período superior a 90 (noventa) dias, com relação ao mesmo operário, salvo autorização conferida pela autoridade competente. Especificamente nos casos de substituição de empregada em licença maternidade, este período será de 150 (cento e cinquenta) dias.”

Já no restante do texto do acordo não houve alteração em relação a determinação das cláusulas, a não ser, como citado no início deste capítulo, e que serão estudadas mais a fundo na próxima seção, as questões de aumentos salariais, entre outros benefícios monetários ao trabalhadores têxteis.

Quanto às cláusulas que se reportam ao patronato SINDITÊXTIL, houve a introdução de apenas uma cláusula nos anos de 2008/2009 e no ano de 2009/2010, que dizem respeito à cláusula de terceirização de mão-de-obra, onde o texto descreve:

“As empresas não poderão se valer de mão-de-obra de terceiros nas suas atividades fins, em especial nos Setores de Produção, exceto nos casos previstos na Lei nº 6.019/74.”

A estabilização das negociações coletivas, nos dois casos nos mostra que os acordos ocorreram de forma branda, sem maiores pressões, tanto do patronato, quanto da classe trabalhadora. Isso pode ser entendido pela estabilidade econômica pela qual o país passou nos últimos anos. Pois, mesmo as convenções que passaram pela crise mundial no ano de 2008 não sofreram alterações bruscas em relação a sua quantidade de cláusulas, que praticamente se manteve a mesma, na busca de melhores condições para o operariado.

Na próxima seção será explanada a questão da evolução do piso salarial dos trabalhadores têxteis da cidade de Americana, e também do PPR, ocorrido por meio das convenções coletivas dos anos de 2006 a 2010. Além de analisar os

reais ganhos destes, explorou-se a questão do salário, se foi ou não majorado acima dos processos inflacionários da mesma época estudada.

A presente seção irá estudar se houve reais ganhos salariais dos trabalhadores têxteis da cidade de Americana. Além disso, será analisado o PPR (Programa de Participação nos Resultados) para elucidar se esse tipo bonificação contribui para o melhoramento efetivo dos salários dos trabalhadores.

### **3.2.2. Análise dos ganhos salariais e do PPR dos trabalhadores têxteis de Americana.**

Para que fique mais claro o entendimento desta pesquisa sobre os salários dos operários do setor têxtil de Americana, foram escolhidas as convenções coletivas firmadas entre o Sindicato das Indústrias Têxteis de Americana e Região (SINDITEC) e o Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Americana durante os anos de 2006 a 2010. Dentro do estudo, foram analisadas 4 convenções, e dentre essas uma delas se refere ao Aditamento nº 2 à Convenção Coletiva de Trabalho 2007/2009.

Inicialmente, foram estudados os pisos salariais fixados para a classe trabalhadora, que, como pudemos perceber, aumentaram razoavelmente no decorrer do período de 2006 a 2010. No primeiro ano analisado (2006/2007), o piso salarial do setor têxtil foi fixado em R\$540,20, já no ano subsequente (2007/2008) no qual o piso ficou em R\$574,80, obtendo um aumento de 6,4%. No período seguinte, consta a vigência dos anos 2008/2009, o salário foi fixado em R\$630,00, e no último período estudado (2010), o piso salarial subiu para R\$674,00.

Segue abaixo a Tabela 6 – “Piso e teto salarial do setor têxtil – Americana/SP (2006 – 2010)”, para demonstrar os ganhos dos operários têxteis ao longo do período estudado, mostrando os aumentos (em R\$) que obtiveram do piso salarial, e também dos maiores salários, ou seja, dos pisos e tetos salariais:

**Tabela 6**

**Piso e teto salarial do setor têxtil - Americana/SP (2006 - 2010)**

**SINDITEC**

<b>Ano</b>	<b>2006 / 2007</b>	<b>2007 / 2008</b>	<b>2008 / 2009</b>	<b>2010</b>
<b>Piso Salarial (R\$)</b>	540,2	574,8	630	674
<b>Teto Salarial (R\$)</b>	7.000,00	9.000,00	10.000,00	10.000,00

Fonte: elaboração própria, a partir das convenções coletivas do setor têxtil de Americana-SP

A Tabela 6, que compara os pisos e tetos salariais do setor têxtil de Americana, nos permitiu observar os índices de aumentos relativizados para cada categoria de rendimento em cada período. No primeiro período (2006/2007 – 2007/2008) a porcentagem de aumento dada ao piso foi de 6,41%, já o teto obteve 28,57%. No segundo período (2007/2008 – 2008/2009) o piso recebeu um índice de 9,60%, e o teto de 11,11%. E no último período (2008/2009 – 2010) do cálculo, o piso ficou com 6,98%, e o teto salarial não obteve aumento em seu índice.

Com a Tabela 6, podemos visualizar os ganhos dos trabalhadores no decorrer de todo período estudado, demonstrando a evolução dos pisos e tetos salariais. Durante os anos analisados, o piso salarial dos trabalhadores têxteis da cidade de Americana, obteve um aumento de apenas 24,77%, que corresponde de 2006 a 2010. Já o salário máximo (teto salarial) adquiriu um aumento de 42,86%, que se refere a todo o período de 2006 a 2010. Esse aumento do teto salarial entre os anos de 2006 a 2010 foi 18,09% melhor do que o aumento dado para os funcionários que recebem os menores salários. O ganho do teto salarial equivale, quase ao dobro do aumento fixado para o piso salarial durante o período de 2006 a 2010.

Porém, é válido ressaltar que nesta pesquisa, a comparação entre o aumento concedido ao teto salarial e ao piso, é apenas para demonstrar a dispersão salarial que pode existir dentro de um mesmo ambiente fabril no setor



têxtil, pois a quantidade de colaboradores que recebe o teto salarial é muito pequena, se comparado aos operários que adquirem o piso salarial. Portanto, esta confrontação, visa somente deixar claro que existe uma diferença entre os aumentos relativizados aos funcionários que recebem o piso e os que recebem o teto salarial, contribuindo, minimamente na cadeia têxtil, para que haja dispersão entre os rendimentos.

A presente pesquisa analisou também os dados referentes aos índices salariais e aos índices inflacionários do mesmo período estudado, fazendo um comparativo, observando se os salários adquiridos pelos trabalhadores têxteis da cidade de Americana, através de índices estipulados nas convenções coletivas de trabalho, foram majorados acima da inflação.

O índice inflacionário utilizado na pesquisa, como comparativo, foi o elaborado pelo DIEESE (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos), que corresponde ao ICV (Índice de Custo de Vida). O índice referente ao DIEESE, é pesquisado na região metropolitana de São Paulo, abrange o mês completo como período de coleta de preços, utiliza de 1 a 30 salários mínimos como orçamento familiar, e é usado principalmente como referência para acordos salariais. O DIEESE calcula o ICV utilizando os seguintes critérios:

O DIEESE concluiu em julho de 1996 o relatório final da sua quarta Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), a primeira disponível no país desde o início do Plano Real. O levantamento, realizado entre dezembro de 1994 e novembro de 1995, junto a 1.536 domicílios da cidade de São Paulo, apurou uma nova estrutura do orçamento doméstico, as mudanças nos hábitos de consumo de bens e serviços e o tipo de despesas praticado pelas famílias paulistanas, além de registrar informações sobre renda, ocupação, educação e condições de moradia da população. Trata-se de um levantamento básico e necessário para a atualizar o cálculo do Índice de Custo de Vida (ICV), iniciado em 1958. Com os resultados obtidos pela POF 1994/95, o DIEESE passa a divulgar o mais atualizado indicador da evolução do custo de vida do município e que reflete de maneira mais fiel o padrão de gastos de seus habitantes. (DIEESE, 2011)

Com isso, podemos observar que o indicador que calcula a inflação, é utilizado para o cálculo do custo de vida das pessoas que habitam a cidade de São Paulo, levando em consideração os ganhos salariais dos trabalhadores do próprio município. Mas nesta pesquisa os dados serão relativizados e comparados aos índices salariais dos trabalhadores têxteis da cidade de Americana, utilizando os resultados como aproximações dos reais ganhos ou não dos trabalhadores têxteis americanenses.

Para que o cálculo do ICV (Índice de Custo de Vida) fique mais preciso e contribua para uma melhor análise desta pesquisa, foi calculado na *homepage* do DIEESE o ICV, a partir de seu estrato geral acumulado (em um período de doze meses), utilizando para o cálculo desse indicador o mesmo período de tempo de vigência e duração das Convenções Coletivas de Trabalho firmadas entre o SINDITEC (Sindicato da Indústria Têxtil da cidade de Americana) e o Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Americana.

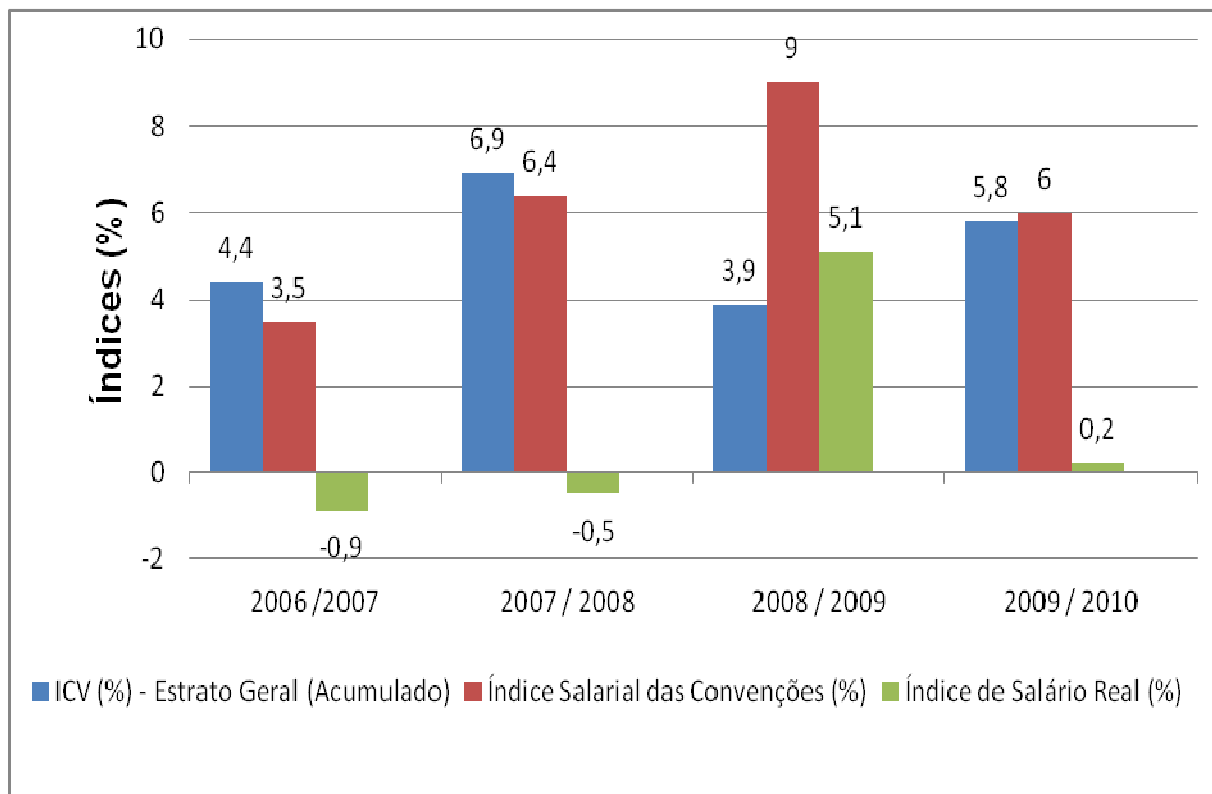
A partir dos dados encontrados nos sites do DIEESE, comparado às informações dos acordos coletivos, pudemos obter informações, que nos permitiram elaborar um gráfico, comparando os índices salariais (Índices de Salário Real e Índice Salarial das Convenções) e o indicador de custo de vida (ICV), mostrando ao longo do período estudado, em quais anos os ganhos foram reais, e em quais anos os ganhos monetários ficaram abaixo do índice de inflação calculado. Lembrando que, o Índice de Salário Real é calculado a partir da diferença entre o Índice Salarial das Convenções e o Índice de Custo de Vida.<sup>3</sup>

Abaixo, segue o Gráfico 1 – “Comparação de índices salariais e indicador de custo de vida (2006 – 2010)”, para análise dos proveitos dos operários do setor têxtil da cidade de Americana, localizada no interior do Estado de São Paulo, ao longo dos anos de 2006 a 2010:

---

<sup>3</sup> Índice de Salário Real(%) = Índice Salarial das Convenções(%) – ICV (%) Estrato Geral (Acumulado).

**Gráfico 1**  
**Comparação de índices salariais e indicador de custo de vida**  
**(2006 - 2010)**



Fonte: elaboração própria, a partir de dados do ICV (DIEESE) e convenções coletivas do setor têxtil de Americana/SP.

O Gráfico 1 mostra o que ocorreu com o salário dos trabalhadores têxteis da cidade de Americana durante o período de 2006 a 2010, pois o mesmo explica se os operários tiveram reais aumentos nos índices salariais ou não.

A partir da análise do gráfico, podemos concluir que no primeiro ano estudado (2006/2007), que tem como vigência a duração da convenção coletiva do período de 01 de novembro de 2006 a 31 de outubro de 2007, e que o ICV (%) – Estrato Geral (Acumulado) foi calculado no mesmo período do acordo coletivo, e correspondeu a um índice de 4,4%, inferimos que o salário do trabalhador têxtil ficou abaixo do índice que calcula a inflação, pois a porcentagem do índice de salário real ficou em -0,9%, indicando que o índice salarial da convenção coletiva

do operário têxtil, neste primeiro período, que ficou com um aumento de 3,5%, não superou o aumento generalizado do nível dos preços.

Já o segundo ano analisado (2007/2008), que tem como vigência e duração na negociação coletiva o período de 01 de novembro de 2007 a 31 de outubro de 2008, concluímos que os salários neste período também ficaram abaixo da inflação para os operários têxteis, pois o trabalhador perdeu, novamente, seu poder de compra, já que o índice de salário real ficou em -0,5%, melhorando em relação ao primeiro período estudado, mas ainda com um saldo real negativo. O índice que calcula o custo de vida dos trabalhadores da cidade de São Paulo subiu ainda mais em relação ao período anterior, ficando em 6,9%. Porém, é válido indicar que o índice das convenções também tentou acompanhar o aumento no nível dos preços, aumentando seu indicador, e atrelando a convenção deste período uma porcentagem de 6,4%, mas não conseguindo superar o ICV.

O terceiro ano, que compreende os anos de 2008/2009 (Aditamento nº2 à Convenção Coletiva de Trabalho 2007/2009), e que tem a vigência e duração no período de 01 de novembro de 2008 a 31 de outubro de 2009, foi o melhor período para o trabalhador têxtil da cidade de Americana, pois os ganhos reais dos salários superaram o índice inflacionário do período. O índice de salário real subiu, chegando a ficar em 5,1%, e o ICV obteve uma queda em seu índice, chegando a 3,9%. Atrelado a esta queda da inflação, o índice de salário das convenções subiu nesta fase, ficando em 9%, levando-nos a observar que foi uma tentativa de sucesso, por parte do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, que conseguiram adquirir um bom aumento nesta época, além de contar com a queda no nível inflacionário, que contribuiu ainda mais para o aumento do índice de salário real.

O índice salarial das convenções, que vinha subindo ano a ano, veio a cair no quarto ano estudado, que corresponde a 2009/2010, e que tem como vigência e duração o período de 01 de novembro de 2009 a 31 de outubro de 2010. O índice de salário das convenções caiu bruscamente, ficando com em 6%. Já o índice de salário real, sofreu uma queda brusca no último período estudado,

caindo para 0,2%. Isso deve-se, novamente, ao aumento da inflação, que subiu e ficou em 5,8%, deixando o rendimento real positivo, ou seja, deixando os salários acima do processo que calcula a inflação, mas com uma queda repentina do terceiro para o quarto e último período analisado.

Em todo o período estudado foi possível perceber que nos dois primeiros anos o índice de salário real ficou abaixo do índice que calcula o custo de vida, fazendo o trabalhador não obter reais rendimentos salariais, pois os índices das convenções ficaram muito abaixo do índice de inflação. Porém, no terceiro período os ganhos salariais foram mais proveitosos aos trabalhadores têxteis, pois houve um grande aumento do índice das convenções, em relação ao ICV, que fez o índice de salário real subir. Já no quarto período ocorreu uma grande queda do índice das convenções, e com o aumento da inflação (ICV), o índice de salário real também caiu, chegando a patamares parecidos com os dois primeiros períodos. Com isso, o salário não obteve perceptíveis ganhos pecuniários neste último período analisado. Ou seja, no momento histórico examinado o trabalhador têxtil da cidade de Americana passou primeiramente por um processo ruim, com a alta do índice de custo de vida, deixando o índice de salário real ligeiramente defasados, diferentemente do segundo período observado, onde os índices das convenções subiram razoavelmente, e os ICV obteve uma queda, levando a um perceptível aumento dos salários reais.

Porém, para que se pudesse dispostamente melhorar os níveis salariais, foi implantado e integrado nas convenções coletivas de trabalho, o PPR, ou o Programa de Participação nos Resultados, que de certa forma contribui para o aumento dos rendimentos dos trabalhadores, mas que mascara os reais índices de aumento salarial dos mesmos, servindo como uma bonificação ou auxílio pecuniário.

O PPR foi introduzido nas quatro convenções coletivas analisadas e no decorrer dos períodos estudados foi aumentado gradualmente em todas as negociações. Este programa é pago aos funcionários do setor têxtil em duas parcelas, e em três das quatro convenções coletivas estudadas o PPR foi pago nos meses de março e setembro nos anos de 2006/2007, 2007/2008 e

2008/2009, e no ano de 2010 o PPR foi pago aos operários têxteis nos meses de abril e outubro.

Abaixo segue a Tabela 7 – “Programa de Participação nos Resultados (2006 – 2010)”, que demonstra os ganhos monetários, como forma de abono, dos trabalhadores têxteis do município de Americana, nos de 2006 a 2010:

**Tabela 7**  
**Programa de Participação nos Resultados (2006 - 2010)**  
**SINDITEC**

Ano	2006 / 2007	2007 / 2008	2008 / 2009	2009 / 2010
Valor (R\$)	350	375	415	450

Fonte: elaboração própria, a partir das convenções coletivas do setor têxtil de Americana-SP

A Tabela 7 evidencia os ganhos dos operários têxteis através de bonificações anuais que servem de complementação dos salários recebidos, mas que são pagos em duas parcelas iguais, durante o ano da vigência das cláusulas da convenção coletiva de trabalho.

É possível perceber que o PPR acompanhou razoavelmente as porcentagens de aumentos que foram alocadas nas convenções coletivas para os pisos salariais, pois no primeiro período analisado (2006/2007 – 2007/2008), o índice de aumento do PPR foi de 7,14%, bem próximo do índice do piso neste mesmo período, que foi de 6,41%. Já na segunda fase da análise do programa (2007/2008 – 2008/2009), a porcentagem de aumento foi 10,67%, e o piso salarial ficou com 9,60%. O terceiro e último período de comparação (2008/2009 – 2009/2010), o Programa de Participação nos Resultados obteve um índice de aumento de 8,43%, ficando próximo ao aumento dado ao piso, que foi de 6,98%. Porém, a porcentagem de aumento total, ou seja, calculando todo o período estudado, que vai de 2006 a 2010, o Programa de Participação nos Resultados chegou a um índice de aumento de 28,57%, e o piso recebeu um aumento em

todo seu período, de 24,77%. Isso nos mostra que, mesmo o PPR sendo um tipo de bonificação que não é incorporado ao salário, este benefício acompanhou, durante o período estudado, as porcentagens do piso salarial.

O primeiro período estudado foi o que obteve menor bonificação para os trabalhadores, pois nos anos de 2006/2007 para 2007/2008, os operários tiveram um aumento de apenas R\$25,00; já os anos de 2007/2008 a 2008/2009, o aumento no PPR, foi de R\$40,00; e no último período estudado, que corresponde os anos de 2008/2009 a 2009/2010, o aumento no programa, foi de R\$35,00.

O Programa de Participação nos Resultados contribui para complementar a renda que o trabalhador têxtil obtêm no período trabalhado. Mas é válido ressaltar que esse bônus não é incorporado ao salário, pois o mesmo é utilizado pelas empresas como uma forma de não majorar os salários acima dos processos inflacionários, mascarando os ganhos reais dos operários, fazendo com que o salário seja corroído pelo índice de aumento generalizado do nível dos preços. Porém, neste estudo, pudemos observar que o PPR contribuiu para o aumento dos rendimentos do trabalhador do setor têxtil do município de Americana.

## Conclusão

A presente monografia, que trata de assuntos pertinentes ao mercado de trabalho do setor têxtil, discorre sobre os salários na indústria têxtil da cidade de Americana, observando se houve reais ganhos para o operariado do município, durante os anos de 2006 a 2010. O estudo foi realizado, através da análise das convenções coletivas de trabalho do setor têxtil da cidade, firmadas entre o Sindicato das Indústrias Têxteis (SINDITEC) e o Sindicato dos Trabalhadores Têxteis da cidade.

O estudo tratou inicialmente de uma breve história do setor têxtil, demonstrando o importante papel deste para o desenvolvimento industrial dos atuais países desenvolvidos, como alguns países europeus, e também ocidentais, como nações da América Latina. Além disso, trata do início do setor na cidade de Americana, colonizada por norte-americanos que trouxeram o cultivo de algodão para a região, fazendo a cidade se tornar uma das mais importantes produtoras de artigos têxteis nacionais.

Além disso, ressalta aspectos importantes do setor no Brasil, a partir do início da década de 80 até meados dos anos 2000, destacando o importante papel do Estado, que contribuiu para a diminuição das alíquotas de importação, haja nesta a atuação de um governo econômico liberal no começo dos anos 90.

Outros aspectos específicos do setor foram abordados, como a subdivisão deste e a possível distribuição geográfica entre os elos da cadeia, podendo ser utilizada estrategicamente pelo empresariado como uma possível maneira de adquirir mão-de-obra barata, buscando competitividade no mercado nacional e estrangeiro. Devido a esta característica do setor, há o estímulo para que empresas se especializem em apenas uma subdivisão da cadeia têxtil, fazendo com que a prática da terceirização de mão-de-obra ocorresse com mais facilidade.

O desenvolvimento mais atual do setor têxtil nacional foi abordado em diferentes aspectos, buscando elucidar os principais pontos que contribuíram para



transformar e ampliar o setor, condicionando-o a um melhor desenvolvimento recente da produção, exportação e importação, aumento no número de empresas. Em suma, tratou-se de mostrar se houve ou não modernização no setor, além da terceirização e as inovações tecnológicas e organizacionais do setor têxtil.

A questão da produção teve à abertura comercial, que foi iniciada nos anos 90 e que contribuiu para a demissão em massa do operariado do setor, pois houve um declínio produtivo devido à grande entrada de produtos têxteis orientais no Brasil com preços mais acessíveis, levando à quebra de diversas empresas. Isso fez com que várias empresas do ramo fechassem suas portas no começo das práticas neoliberais impostas pelo Estado na década 90. Porém, anos depois da atitude liberalizante do governo nacional, algumas empresas retomaram suas atividades, levando a um novo crescimento no número de fábricas têxteis no país.

Já o comportamento das exportações e importações de produtos têxteis entre o início dos anos 90 até meados dos anos 2000, mostraram-se intimamente ligadas à abertura comercial, pois após o fato ocorrido a exportação nacional de artigos têxteis obteve uma ligeira queda em alguns segmentos da cadeia têxtil entre 1990 e 1995. As importações obtiveram efeito contrário às exportações, aumentando massivamente a entrada de produtos estrangeiros no Brasil nesse período, contribuindo para uma possível causa do déficit da balança comercial nacional na mesma época.

Foi possível atrelar também a abertura econômica ao grau de modernização ocorrido na indústria têxtil, pois o aumento no número de máquinas adquiridas pelo empresariado cresceu consideravelmente. Isso, contribuiu para o aumento das inovações tecnológicas e organizacionais, levando a um maior nível de produtividade do setor, tornando-o mais competitivo.

Neste estudo, foram abordados também assuntos relacionados ao mercado de trabalho têxtil, e sua trajetória no Brasil e na cidade de Americana, descrita inicialmente para o período anterior aos anos 2000. O trabalho caracterizou um período desabonador para o operariado do setor, que passou no início por uma alta taxa de desemprego.

Além do mercado de trabalho, várias empresas também sofreram com o período de aumento da concorrência interna. Devido a essa concorrência com os produtos estrangeiros, as empresas que restaram se precarizaram, como uma saída à falência. Dessa maneira, a precarização contribuiu para as más condições de trabalho e produção, além de outras medidas tomadas pelo empresariado para se manterem ativos no mercado de produtos têxteis.

O município de Americana e região passou pelas mesmas dificuldades, pois boa parte das empresas da cidade trabalhavam com a produção de artigos têxteis e as que não produziam estes artigos estavam intimamente ligadas à este setor.

A cidade passou por um período difícil, pois a maioria das empresas eram especializadas em artigos têxteis artificiais e sintéticos, mesma especialidade da indústria têxtil da Ásia, que depois da abertura comercial, passou a exportar em massa esses produtos para o país com uma maior competitividade, concorrendo diretamente com os produtos produzidos em Americana, mas com preços mais competitivos.

A abertura comercial dos anos 90, levou à queda no nível de pessoal ocupado dentro da cadeia têxtil nacional, por meio de várias demissões neste período. Porém, após um período de estabilização, por volta dos anos 2000 o setor volta a empregar em boa quantidade sua mão-de-obra, não como era no passado, mas com uma perceptível melhora. E essa melhora foi dada no mesmo momento em que os investimentos em maquinário cresceram. Isso nos mostra que o aumento do emprego assalariado cresceu, necessitando agora de funcionários com um maior nível de escolaridade, pois a operação desses novos maquinários exigia dos trabalhadores mais conhecimento, além de, no mínimo entender outras línguas para conseguirem operar os novos equipamentos.

Além desse novo modo de empregar a mão-de-obra, a terceirização contribuiu para o aumento desta prática, pois para baratear o custo de produção, grandes empresas optaram por flexibilizar parte de sua produção, doando suas responsabilidades para pequenas empresas, que em alguns casos possuíam ambientes insalubres para a realização do trabalho, não formalizavam o contrato

de trabalho do operário, pagavam baixos salários, entre outras ações que prejudicavam o trabalhador.

Com base em todas essas informações adquiridas durante a elaboração deste trabalho, buscou-se concatenar os dados sobre os salários praticados na indústria têxtil da cidade de Americana, entre os anos de 2006 a 2010, através da análise das convenções coletivas de trabalho firmadas entre o Sindicato das Indústrias Têxteis de Americana e Região (SINDITEC) e o Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Americana, tentando demonstrar que durante boa parte do período estudado os operários obtiveram seus rendimentos abaixo do indicador que calcula o custo de vida, e os benefícios adquiridos contribuíram para complementar o mesmo.

Durante a pesquisa pudemos perceber que o trabalhador têxtil da cidade de Americana, passou a maior parte do período com baixos rendimentos salariais, pois os mesmos ficaram abaixo do índice inflacionário da época, cujos valores foram comparados com a porcentagem dos aumentos salariais recebido pelo operariado do setor. Além disso, o PPR, utilizado pelas empresas como um bônus, e que não é incorporado ao salário, obteve perceptíveis aumentos, e contribuíram para o aumento da possibilidade de ganhos salariais reais para o trabalhador.

Podemos finalizar esta presente monografia, com o intuito de que as próximas convenções coletivas firmadas entre o Sindicato Patronal e o Sindicato dos Trabalhadores da cidade de Americana negociem melhor o índice de recomposição salarial dos próximos anos, aproximando os ganhos monetários dos operários que atuam no ramo têxtil ao índice que calcula o custo de vida.

Desta maneira, contribuindo para o aumento do poder de barganha dos trabalhadores nas próximas negociações, melhorando a estruturação do mercado de trabalho do setor têxtil da cidade de Americana e amparando o operariado na busca da diminuição da desigualdade social e salarial.

## Referências Bibliográficas

AMORIM, Wilson Aparecido. Negociações Coletivas no Brasil: Breve análise do período 2000-2006 e suas tendências. Revista de Administração da UFSM. Santa Maria, v.2, nº 2, p.197-213, maio/ago. 2009.

BALTAR, P.E.A.; KREIN, J.D.; SALAS, C. (org.). Debates contemporâneos, economia social e do trabalho, 7: economia e trabalho: Brasil e México. São Paulo: LTR, 2009.

COLLI, Juliana Marília. O fezonismo pelo avesso: Um estudo das formas de organização do trabalho à feção no ramo de tecelagem do pólo têxtil de Americana – S.P.Campinas – SP, 1997. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.)

DIAS, M. C. Sustentabilidade em empreendimentos autogestionários no Brasil: Análise de duas experiências no ramo têxtil em São Paulo e Minas Gerais. São Carlos – SP, 2011. (Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Engenharia de Produção da Universidade Federal de São Carlos.)

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos – “Banco de Dados do ICV (Índice de Custo de Vida)”. Disponível em: <<http://jboss.dieese.org.br/icv/>>. Acesso em: 02 novembro 2011.

EL SAIFI, Samira. Desemprego nos anos 90: Aspectos conceituais e trajetórias dos trabalhadores da indústria têxtil de Americana. Campinas – SP, 2002. 128 p. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.)

GARCIA, Renato de Castro. Aglomerações setoriais ou distritos industriais: Um estudo das indústrias têxtil e de calçados no Brasil. Campinas, 1996. 160 p. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Mestre em Economia).

\_\_\_\_\_. Uma análise do processo de desconcentração regional nas indústrias têxtil e de calçados e a importância dos sistemas locais de produção. Anais do XIII Encontro Regional de Economia da ANPEC e Fórum BNB de Desenvolvimento. 2001.

HIRATA, Helena. Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo. Boitempo, 2002.

HORN, Carlos Henrique. A expansão do escopo temático das negociações coletivas de trabalho. Revista Análise Econômica da UFRGS. Porto Alegre, v. 22, nº 41, p. 178-210, março. 2004.

\_\_\_\_\_. Negociações coletivas, indexação oficial e inflação: uma análise dos salários negociados na indústria do Rio Grande do Sul – 1978-95. Ensaio FEE. Porto Alegre, v.26, nº 1, p. 505-542, jun. 2005.

IEMI - Instituto de Estudos e Marketing Industrial. Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira. São Paulo – BR, v. 5, nº 5, Ago. 2005, p. 1 – 180.

\_\_\_\_\_. Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira. São Paulo – BR, v. 9, nº 9, Set. 2009, p. 1 – 148.

\_\_\_\_\_. Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira. São Paulo – BR, v. 10, nº 10, Ago. 2010, p. 1 – 160.

INVERNIZZI, Noela. Novos rumos do trabalho. Mudanças nas formas de controle e qualificação da força de trabalho brasileira. Campinas – SP, 2000. 487 p. (Tese apresentada ao Instituto de Geociências como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Política Científica e Tecnológica.)

JINKINGS, Isabella. Reestruturação produtiva e mercado de trabalho na indústria têxtil catarinense. Revista de Ciências Humanas. Florianópolis, EDUFSC, nº 33, p. 71 – 94, abril. 2003.

KON, Anita; COAN, Durval. Transformações da indústria têxtil brasileira: a transição para a modernização. Revista de Economia Mackenzie. São Paulo, Ano 3, nº 3, p. 11 – 34, 2009.

MARCONI, Marina, LAKATOS, Eva. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTINEZ, Maurício de Campos. A modernização do sistema organizacional da indústria têxtil como resultado do impacto causado pelas importações. Campinas – SP, 1997. 212 p. (Tese apresentada ao Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica, UNICAMP para obtenção do Título de Mestre em Qualidade.)

MOREIRA, Carlos A. Amaral. O paternalismo nas organizações brasileiras: reflexões à luz da análise cultural de empresas do Pólo Têxtil de Americana. São Paulo, 2005. 262 p. (Tese apresentada à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, como requisito para obtenção do título de Doutor em Administração de Empresas.)

MOTTA, Flávia; SCUR, Gabriel; GARCIA, Renato. *et al.* Esforços inovativos de empresas no Brasil, uma análise das indústrias têxtil-vestuário, calçados, móveis e cerâmica. Revista São Paulo em Perspectiva, v. 19, nº2, p. 60-70, abr/jun. 2005.

NETO, Antônio M. de Carvalho; CARVALHO, Ricardo A. Alves de. (orgs.). Sindicalismo e negociação coletiva nos anos 90. Belos Horizonte: IRT (Instituto de Relações do Trabalho) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 1998.

PICCININI, Valmiria C.; OLIVEIRA, Sidinei R.; FONTOURA, Daniele dos S. Setor têxtil – vestuário do Rio Grande do Sul: Impactos da inovação e da flexibilização do trabalho. Ensaio FEE (Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser). Porto Alegre, v. 27, nº 2, p. 355 – 376. 2006.

ROSANDISKI, Eliane Navarro. Modernização produtiva e estrutura do emprego formal nos anos 90. Campinas - SP, 2002. 167 p. (Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Economia da UNICAMP para obtenção do título de Doutor em Economia Aplicada.)

SANTANA, M.A. & RAMALHO, J.R. (org.). Além da fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social. São Paulo: Boitempo, 2003.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2007.

SINDITEC – Sindicato das Indústrias de Tecelagens de Americana, Nova Odessa, Santa Bárbara D' Oeste e Sumaré. “Convenções”. Disponível em: <<http://www.sinditec.com.br/site/convencao.asp>>. Acesso em: 10 outubro 2011.

SINDITÊXTIL – Sindicato das Indústrias Têxteis do Estado de São Paulo – “Convenção Coletiva”. Disponível em: <<http://www.sinditextilsp.org.br/convencao.asp>>. Acesso em: 10 outubro 2011.